

Estudo de arqueologia histórica do sítio Missionário de Monsarás, ilha de Marajó – século XVIII

Lylían Fernanda M. Ramos

Orientador: Ms. Paulo Roberto do C. Lopes

Vigência da bolsa: agosto/00 a julho/01

O estudo dos registros arqueológicos das missões religiosas na região norte faz-se necessário, na medida em que enriquece o entendimento a cerca das transformações estabelecidas na Amazônia pelo europeu. Neste contexto, os missionários tiveram papel primordial na “domesticação” dos nativos para a concretização da manutenção e ampliação do império português. Monsarás, representa um estudo de caso, cujo assentamento localiza-se em lugar estratégico, à margem da baía de Marajó, o que facilitava o intercâmbio comercial e de pessoas com a capitania do Grão-Pará. A partir dos documentos primários e prospecção de campo, em Monsarás, buscou-se compreender o interesse que envolvia a presença dos missionários naquela área, assim como, o valor e/ou função daquele aldeamento. Observando, inclusive, o desenvolvimento urbano a partir da formação, transformações e permanências das estruturas remanescentes do contato, que refletem as relações criadas num contexto de desconstrução e reconstrução empreendida no aldeamento de acordo com a política mercantil-imperialista lusitana. As fontes secundárias (pesquisadas até então) não fornecem informações suficientes para o levantamento da história de Monsarás. Mas Hoonart (1981) nos dá alguns bons subsídios; na repartição das missões dos franciscanos de Santo Antônio, S. Francisco de Caiá ficou com o padres da Conceição. Os índios que formavam o aldeamento eram Aruã, Maraunu e Jotã, essa diversidade indica descimento de índios. Monsarás teria o papel de fornecedora de carne para Belém. Hoonart indica que o serviço dos índios era destinado ao açougue do governo e no transporte das carnes para Belém o que implicou numa reorganização social, econômica e espacial na vida daqueles nativos que foram a mão de obra largamente utilizada no serviço.